

## 6 DIÁLOGOS CONSTRUÍDOS NO GEPI/PUC/SP<sup>1</sup> COM BASE NO TRIPÉ INTERDISCIPLINAR: arte-educação, afetividade e fenomenologia

Ana Lúcia Gomes da Silva<sup>2</sup>

Beatriz Marcos Telles<sup>3</sup>

Luciana Pasqualucci<sup>4</sup>

**Resumo:** Este artigo reflete as percepções de pesquisadoras que dialogam no GEPI/PUC/SP sobre um processo de construção em conjunto entre pós-graduandos iniciantes e veteranos. O foco do trabalho tratado aqui representa a parceria e investiga a forma de transformar o olhar sobre um tripé interdisciplinar na interatividade da arte-educação, afetividade e da fenomenologia. A pesquisa parte do papel da arte na educação, delineando algumas especificidades construídas na trajetória escolar pela força das práticas interdisciplinares e a abertura que elas proporcionam como possibilidades de aprendizagens significativas entre os saberes. Os encaminhamentos nos provocam a refletir, enquanto pesquisadoras, sobre a ação docente na ousadia de apreender o sentido da humanização da atividade artística numa concepção fenomenológica de homem. Os pressupostos metodológicos da interdisciplinaridade, tais como o diálogo e a parceria serviram de base para nos valermos das leituras dos textos, livros, dissertações e teses. No espaço de encontros do GEPI participamos de diferentes exercícios como aula, palestra, roda de conversas e pesquisas que, somados às nossas experiências resultou nessa produção escrita. A reflexão sobre esse processo compõe o objetivo do presente texto, no sentido de compreender o fértil contexto contemporâneo, onde eclode a necessidade da humanização através da arte. Com base em autores como Fazenda, Merleau-Ponty e outros que tratam da percepção e assumem um posicionamento de abertura para as novas possibilidades de análise do fenômeno educacional, estivemos atentas para o espaço da sensibilidade e das emoções na escola como momento propício para serem repensadas as concepções de arte numa educação transformadora. Os resultados apontam novos horizontes quando irrigamos os diálogos a uma nova consciência da realidade, a um novo modo de pensar traduzido num ato de parceria e de afetividade, visando à construção de novos conhecimentos.

**Palavras-chave:** Afetividade, Arte-educação, Fenomenologia, Interdisciplinaridade.

---

<sup>1</sup> Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares do Programa de Pós-Graduação em Educação Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<sup>2</sup> Ana Lúcia Gomes da Silva: Parecerista da revista: Interdisciplinaridade. CV: <http://lattes.cnpq.br/3468543283151836>; E-mail: [analucia.sc1@hotmail.com](mailto:analucia.sc1@hotmail.com)

<sup>3</sup> Beatriz Marcos Telles: Conselheira da revista: Interdisciplinaridade. Vide dados biográficos: CV: <http://lattes.cnpq.br/1035575993154977>; E-mail: [biatelles@gmail.com](mailto:biatelles@gmail.com)

<sup>4</sup> Luciana Pasqualucci: Mestranda no Programa de Educação: Currículo da PUC/SP, bolsista CAPES e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares - GEPI coordenado pela Professora Dra. Ivani Fazenda. E-mail: [lucianapasqualucci@gmail.com](mailto:lucianapasqualucci@gmail.com)

**Abstract:** This article reflects the perceptions of researchers that dialogue in GEPI/PUC/ SP over a construction process in conjunction between post-graduates beginners and veterans. The focus of the work dealt with here is the partnership and investigates how to transform the look on a tripod in the interdisciplinary interactivity of art education, affection and phenomenology. The research part of the role of art in education, outlining some specific built in school history by force of interdisciplinary practices and openness as they provide opportunities for meaningful learning among knowledge. Referrals provoke us to reflect, as researchers, on the teaching in boldness to grasp the meaning of humanization of artistic activity in a phenomenological conception of man. The methodological assumptions of interdisciplinary, such as dialogue and partnership as the basis for the valorous readings of texts, books, dissertations, theses. Within meetings GEPI participated in various exercises such as class lectures, wheel conversations and research that, together with our experiences resulted in the writing, which is now before you. Reflection on this process forms the purpose of this paper, in order to understand the contemporary context fertile, which breaks out the need of humanization through art. Based on authors such as Finance, Merleau-Ponty and others that deal with perception and assume a position of openness to new possibilities for the analysis of educational phenomenon, we were attentive to the space of sensitivity and emotions in school as a good time to be rethought conceptions of art in transforming education. The results point out new horizons when irrigate the dialogues into a new awareness of reality, a new way of thinking translated into an act of partnership and affection, in order to build new knowledge.

**Keywords:** Affection, Art education, Phenomenology, Interdisciplinary

## 1 INTRODUÇÃO

Desde fevereiro deste ano (2013) começamos um diálogo, *via internet* e posteriormente em encontros presenciais, sobre as possibilidades de produzirmos juntos, calouros e veteranos do GEPI da PUC/SP, um texto que contemplasse a parceria no tripé interdisciplinar na interatividade da arte-educação, afetividade e a fenomenologia. A iniciativa do convite foi da parceira de grupo, Beatriz Marcos Telles, tratada por Bia Telles, no período de recuperação da saúde da professora Ivani Fazenda, coordenadora do GEPI e luz principal na aventura maior de exercer a interdisciplinaridade. A professora Ivani sugeriu as leituras das suas obras: “O que é Interdisciplinaridade?”, “Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro” como disparadores para reflexões, diante de tal tarefa resolvemos então, transformar em desafio a composição de um artigo redigido em trio. Um exercício nada fácil quando lidamos com formações e espaços diferentes, como Administração e Artes, lugares como Pantanal no Mato Grosso do Sul, São Paulo e Minas Gerais, mas foi justamente nesta diversidade que encontramos formas de derrubar as barreiras das distâncias geográficas, num alcance do olhar pelo itinerário próprio da história de cada uma.

No início chegamos a duvidar que levaríamos a cabo a organização do trabalho, porém a parceria foi acontecendo sob a batuta da Professora Ivani Fazenda e se fortalecendo à medida que trocávamos ideias, por e-mail, quando nos encontrávamos no GEPI e mesmo nos momentos de silêncio e distanciamento, causado pelas nossas preocupações pessoais, percebemos que o compromisso não calava, pois já estava selado entre nós. Assim, numa ousadia da busca, da pesquisa e da prática interdisciplinar, convidamos o leitor a acompanhar-nos nas reflexões sobre as percepções que leva a marca de cada uma e de todas.

## **2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PAPEL DA ARTE NA EDUCAÇÃO: ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES NUMA CONCEPÇÃO FENOMENOLÓGICA DE HOMEM**

Consideramos este trabalho um ato afetivo de parceria com intento científico na relação de ensinar e aprender. Uma troca entre os saberes que investiga a forma de transformar o olhar sobre o papel da arte na educação, delineando algumas especificidades construídas na trajetória escolar.

A arte é uma das áreas que mais vem sofrendo com os impactos da revolução tecnológica, isto assinala ser essencial uma abordagem interdisciplinar sobre o ensino da Arte no Brasil a partir da última Lei de Diretrizes e Bases – LDB 9394/96 e dos Parâmetros Curriculares Nacionais que trazem algumas possibilidades de reformulação deste quadro geral do ensino de artes no país. A partir da substituição do termo Educação Artística pelo Ensino de Artes, e pela ausência do termo polivalência, vislumbra-se um período diferente daquele que temos vivenciado em relação ao tratamento da arte nas escolas. Evidentemente só a troca de palavras não promove mudanças, mas é possível compreender que a supressão de certos termos desgastados com relação ao ensino das artes tem por finalidade estimular uma busca por novos e mais eficientes caminhos com relação às atividades no campo das artes na escola e de forma mais ampla na educação.

Nesse sentido, recorremos a Fazenda (2005, p. 50) quando ela afirma que a Educação Interdisciplinar é uma forma de compreender e modificar o mundo, o homem é agente e paciente de uma realidade que, portanto, precisa ser investigada em seus mais variados aspectos. Compartilhamos ainda com os escritos de Fazenda (2005, 2011) quando podemos perceber que viver a Interdisciplinaridade é viver a própria aprendizagem. A força das práticas interdisciplinares e a abertura que elas proporcionam como possibilidades de aprendizagens significativas, nos provocam a refletir enquanto pesquisadoras, sobre a ação docente na organização do currículo escolar. Em vários momentos na leitura da obra Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro Fazenda (1996) reafirma que “interdisciplinaridade não se ensina, nem se aprende: vive-se, exerce-se”. Nessa premissa pensar em escola e

educação é pensar em qualidade de ensino e nos serviços prestados à sociedade em constante transformação.

No currículo escolar, a arte tem um papel fundamental na formação dos sentidos humanos e da emoção estética. Neste processo, o homem constrói, ao mesmo tempo, sua leitura da realidade e suas maneiras de sentir e ver essa realidade. Assim, a história da Arte ocupa-se em identificar, classificar, descrever, conservar, restaurar e documentar objetos, mas também em atribuir valor, pesquisar no que consiste e como se reconhece esse valor e, em explicar sua origem dentro de um contexto histórico. Seu papel é contextualizar o objeto estudado, situando-o enquanto produto de uma época, estabelecendo relações com épocas anteriores e posteriores, com a situação social, política e econômica e principalmente educacional da época em que a obra foi criada, bem como com o significado que a obra tem hoje. Para compreender o real significado desta tarefa, é preciso, apreender o sentido da humanização da atividade artística numa concepção fenomenológica de homem.

O fértil contexto contemporâneo, onde eclode a necessidade da humanização por meio da arte reclama o espaço da sensibilidade e das emoções na escola, é momento propício para serem repensadas as concepções de arte, com vistas a contribuir para uma nova educação, na qual o ensino de arte seja “visto como expressão, criação, análise e reflexão” (SANTOS, 2006,p.9).

Nessa perspectiva, no que diz respeito às alternativas viáveis, podemos considerar que as vivências lúdicas são capazes de validar e tornar significativa a aprendizagem do conhecimento em arte, enfatizando não apenas conceitos, mas também procedimentos e atitudes. Conforme Santos (2006, p.27), “ao unir o lúdico e arte no processo educativo, privilegia-se a afetividade, pois se acredita que as interações afetivas ajudam mais a modificar as pessoas do que as informações repassadas mecanicamente”. Ou seja, por intermédio do ensino, da ação educativa e da relação que se estabelece entre professor/aluno é possível a ampliação da aprendizagem nos setores cognitivos, afetivos e social com vistas à formação de um cidadão com visão de liderança, de participação e de intervenção no mundo. Pensemos numa educação estética a partir das reflexões de Duarte Jr.

A educação é, por certo, uma atividade profundamente estética e criadora em si própria. Ela tem o sentido do jogo, do brinquedo, em que nos envolvemos prazerosamente em busca de uma harmonia. Na educação joga-se com a construção do sentido - do sentido que deve fundamentar nossa compreensão do mundo e da vida que nele vivemos. No espaço educacional comprometemo-nos com a nossa "visão de mundo", com nossa palavra. Estamos ali em pessoa - uma pessoa que tem os seus pontos de vista, suas opiniões, desejos e paixões. Não somos apenas veículos para a transmissão de ideias de terceiros: repetidores de opiniões alheias, neutros e objetivos. A relação educacional é sobretudo, uma relação de pessoa a pessoa, humana e envolvente (DUARTE JR, 2002,p.74).

Diante de tais abordagens passamos a tratar da fenomenologia como o estudo das essências nas singularidades do homem, na formação de novos valores, nas possibilidades de perceber-se como um agente de transformação, como um sujeito que adquire uma nova inserção cultural na sociedade e uma nova visão de mundo, conseqüentemente de educação.

Merleau Ponty (1999) considera que a postura fenomenológica não possibilita falar do mundo de um ponto de vista externo ao próprio corpo, antes de sua origem na experiência perceptual. Isso não significa que o mundo permanece no campo privado da experiência de cada um, mas sim que a percepção é o primado da experiência. Segundo Merleau-Ponty (1999) há sempre um polo da experiência centrado no indivíduo que percebe o outro centrado no que é percebido. A percepção é o encontro entre as forças de ambos. A Fenomenologia, assim, concebe o homem como ser que vive posicionado pela percepção e, esta, por sua vez, demanda do ser humano uma posição paradoxal, que é apreender os fenômenos objetiva e subjetivamente. Essa dimensão exige a coexistência do objetivo e do subjetivo para que o si mesmo possa acontecer de maneira integrada. A concepção fenomenológica de homem, como ser postado na primazia do ato perceptivo, que apreende as coisas num campo objetivo e estabelece relações entre a apreensão e sua vida de um modo pessoal, considera-o como um ser em ação, em devir, que pergunta pelos sentidos das coisas. O homem da Fenomenologia é caracterizado pelo gesto que abarca o ser humano como um ser que é gesto, criação, significa compreender que o ser humano é um ser inacabado. “O homem, qualquer que seja o seu estado, é um ser aberto” (FREIRE, 2005,p.68). É este fato que possibilita inventar e reinventar-se na humanização da arte.

A compreensão do ser humano como um ser de ação e de gesto, que cria rupturas, cria o inédito e possibilita a constituição de si, do outro e do mundo relaciona-se com o fato que compreende o ser humano como criativo e livre: ser criativo, ser de liberdade, de responsabilidade (de responder à sua existência), ser que emerge como ruptura. Visto dessa perspectiva, o ser humano acontece em meio à precariedade e ao desamparo, o que faz com que necessite do acolhimento do outro. Ser homem é acolher o semelhante em sua jornada de significações e ser acolhido pelos demais em sua chegada ao mundo. “O homem só realiza, só se conhece no ‘encontro’ com o outro” (FAZENDA, 2011,p.55).

O que queremos dizer é que, em se tratando da interdisciplinaridade, buscamos estabelecer novos horizontes para a arte e para educação, quando irrigamos nossos diálogos a uma nova consciência da realidade, a um novo modo de pensar a parceria e a afetividade, visando à construção de novos conhecimentos. Segundo Fazenda (1998), parceria deriva da afetividade e do respeito, atributos próprios da interdisciplinaridade.

Como parceiras na interdisciplinaridade, aceitamos o convite ao desafio de dividir nossas experiências artísticas, educacionais e compartilhar de um diálogo com outros saberes para desencadear uma nova ordem de pensar sobre o homem e as interlocuções entre o universo artístico e educacional. A

criação de novos olhares interdisciplinares potencializa as reivindicações geradoras da afetividade, arte e da fenomenologia em seus entremeios mais significativos. Promover ações interdisciplinares no sentido de oportunizar tal processo, implica entre outras questões, na tarefa de aglutinar esforços de pesquisadores para resgatar esse espaço nas instituições educativas e também na sociedade. Fazenda (1994) fortalece essa ideia quando fala das atitudes de um professor interdisciplinar:

Entendemos por atitude interdisciplinar, uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo – ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo – atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio em redimensionar o velho – atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas, atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas, sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, de vida (FAZENDA, 1994, p.82).

Daí a necessidade de abordarmos sobre este universo, a partir daqui, somando as experiências de cada uma com percepções sobre o que nos parece mais significativo. Momento em que nos retiramos e ao mesmo tempo nos fazemos presentes na forma de olhar a nossa trajetória:

A pesquisadora Ana Lúcia é arte-educadora e tem focado seus estudos no contexto da Arte Indígena dos Povos do Pantanal Sul-Mato-Grossense. Neste espaço rico em fauna e flora, alimenta seu olhar na instigante busca pelo sentido da vida e da comunicação pelo ensino da arte como um espaço vivo, produtor de um conhecimento novo, revelador, que aponta para a transformação. Um percurso fortalecido com o seu ingresso no programa de doutorado da PUC-SP desde 2010, mais especificamente com as leituras e discussões promovidas no GEPI coordenado pela Professora Dra. Ivani Fazenda, ainda como docente na Formação de Professores no Curso de Pedagogia da UFMS/Campus de Aquidauana. Nesse rumo, segue incentivada a romper paradigmas, a criar e ousar em um mundo de complexidade crescente e que se transforma rapidamente. Esse novo modo de saber parece indicar que os conhecimentos interdisciplinares aparecem como condição essencial para uma boa formação de professores, interlocução artística e educacional.

A pesquisadora Bia Telles traz na sua trajetória profissional vasta atuação no ambiente corporativo, em empresas nacionais e multinacionais, desempenhando atividades de gestão, de estruturação e reorganização empresarial. Há oito anos vem se dedicando à educação de nível superior. Graduada em Processamento de Dados (UFSCAR-SP), tem várias

especializações e mestrado pelo programa de Administração da PUCSP, pelo eixo Organizações e Sociedade, desenvolvendo pesquisa sobre a Inserção da Sustentabilidade na Formação de Administradores. Pela experiência eclética e pela pesquisa do mestrado, interligou sustentabilidade com interdisciplinaridade, chegando ao GEPI, onde foi acolhida pela professora Ivani Fazenda e todos os parceiros do grupo. Realiza pesquisas sobre sustentabilidade, tendo a interdisciplinaridade de apoio, nos princípios teóricos como nos instrumentos facilitadores às suas práticas. Aproximou-se da arte educação pelo desejo da pesquisa e já foi “fisgada” a ponto de querer investigá-la e inseri-la nos projetos de empreendedorismo social que realiza com universitários na sociedade. Atua na conscientização para a sustentabilidade, via ensino e empresas. É pesquisadora na PUC/SP nos grupos de pesquisa: GEPI – Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade e NEF – Núcleo de Estudos do Futuro.

A pesquisadora Luciana é formada em Artes Plásticas pela FAAP e especialista em Psicopedagogia pela PUC-SP, trabalhou durante nove anos no Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM-SP, como educadora e coordenadora do Setor Educativo. Estabeleceu parcerias com instituições culturais e educacionais e com profissionais de outras áreas do conhecimento para pesquisar relações entre arte e demais áreas do saber, bem como realizar ações que promovessem variadas experiências para o público. A ação **Lanternas no Parque com Banho de Lua**<sup>5</sup>, por exemplo, foi uma ação educativa que colocou as pessoas em contato com a natureza, com o próximo e com a possibilidade de construir sentidos a partir do que percebem. A atividade, desenvolvida no período noturno pelos arredores do Parque do Ibirapuera, consistia em um percurso de vistas, sons e cheiros sucessivos, sugeridos por profissionais da Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente e mediado por educadores do MAM, que por sua vez compartilham conteúdos acerca da arquitetura e história do Parque. Os participantes, munidos de lampiões, puderam perceber alguns dos cheiros, dos sons e das texturas da flora, das construções arquitetônicas, das esculturas e dos caminhos do parque. No decorrer, alguns dos participantes cantaram, brincaram, choraram e recitaram poesias para os demais. A atividade foi finalizada nos arredores do Planetário, onde o público pôde observar a Lua e as estrelas com o auxílio de equipamentos apropriados e o acompanhamento de astrônomos. A experiência, que reuniu meio ambiente, astronomia e arte, possibilitou o diálogo com registros ontológicos<sup>6</sup> de acontecimento humano e a construção de conhecimentos, sem ser uma ação meramente conteudista. Os participantes perceberam-se como seres integrantes de um mundo repleto de mistério e poesia, além de vivenciarem uma situação de aprendizagem criativa e coletiva.

---

<sup>5</sup> Realizada em parceria pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo, pelo Planetário do Parque do Ibirapuera e pela Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, com três edições ocorridas no ano de 2008. Eleito pela Revista Época São Paulo um dos nove programas mais interessantes da cidade de São Paulo. Edição maio de 2008, p. 208.

<sup>6</sup> Ontológico e ôntico são registros distinguidos por Heidegger (*Ensaio e conferências*, 2001) para abordar as diferenças entre o Ser e o ente. Nos diz que o ôntico se refere aos fatos da existência humana, enquanto ontológico diz respeito às estruturas a priori que definem as possibilidades realizadas em cada existência humana.

“A interdisciplinaridade decorre mais do encontro entre indivíduos do que entre disciplinas” (FAZENDA, 2011,p.86).

Esta atividade educativa, que em sua concepção teve como base a fenomenologia, é citada neste como um exemplo de ação interdisciplinar, cuja experiência, provocadora de estesias e construções de conhecimentos, evoca o que Fazenda diz categoricamente: “Interdisciplinaridade não é categoria de conhecimento, mas de ação” (FAZENDA, 2011, p.89).

Revisitar nossas histórias constitui sempre uma ambiguidade na complexidade do percurso, uma vez que a busca da apropriação por mudança e transformação exige o diálogo com o seu “eu” com o “outro”, dialogando, interpretando, explicando, compreendendo, argumentando e (re)construindo a ação do próprio **eu** com o **outro** para se aproximar do **nós**, nosso conhecimento disponível de todos para todos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nossos estudos favoreceram a cumplicidade interdisciplinar tecidas no GEPI/PUC/SP. Interagimos num tripé que refletiu as leituras e estudos de autores como Ivani Fazenda, Maurice Merleau-Ponty, entre outros. O contato estabelecido se fortaleceu como vínculo na parceria, na reciprocidade, na afetividade e na vontade de ampliar nossas concepções, princípios, espaços, tempos e vivências, quando tratamos da humanização da atividade artística numa concepção fenomenológica do homem.

Nessa direção percebemos que a conexão foi estabelecida e não se intimidaria com os desafios de uma elaboração em um trio, composto por pesquisadoras com formações e espaços diferentes. Assim, elencamos alguns pontos que auxiliam como veículo de transformação para novas possibilidades e novos horizontes interdisciplinares sobre a arte, fenomenologia e afetividade na educação:

-O indivíduo provoca rupturas à medida que interage com pessoas, com instituições, com o mundo e consigo mesmo. Nesta dinâmica, as atitudes interdisciplinares são essenciais no acolhimento, na solidariedade, na humildade e na afetividade;

- Por intermédio do ensino da arte, da ação educativa e da relação que se estabelece entre professor/aluno é possível a ampliação da aprendizagem nos setores cognitivos, afetivos e social, com vistas à formação de um cidadão com visão de liderança, de participação e de intervenção no mundo.;

-A Fenomenologia percebe o indivíduo como um ser inacabado e em construção, daí a possibilidade de se inventar e reinventar no processo de humanização da arte;

Encerramos nosso texto considerando que sua criação tornou-se possível porque permitimos olhar, ver e respeitar cada uma em seu modo de pensar. E, neste encontro irrigar nossos diálogos a uma nova consciência da realidade num ato de troca, de reciprocidade e de afetividade perante o conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Parâmetros Curriculares Nacionais /PCN-Arte**. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_.(org.)**Didática e interdisciplinaridade**, Campinas, SP: Papirus, 1998.

\_\_\_\_\_. *Integração e interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: efetividade ou ideologia*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

DUARTE JR J. Francisco . **Por que arte-educação?** 13. ed. Campinas: Papirus, 2002.

FAZENDA, I.C.A. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. Campinas: Papirus, 2011.

\_\_\_\_\_. **A Formação do Professor Pesquisador -30 anos de pesquisa**. Artigo da Revista e-Curriculum, volume 1, número 001, PUC/ SP. 2005.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade - Um Projeto Em Parceria**. 6. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2007.

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. (trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Educação, arte e jogo**. Petrópolis, RJ: Vozes,2006.